



## VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA PANTANEIRA: reflexões de práticas em sala de aula

*Regina Coelho Nogueira de Melo<sup>1</sup>*

*Eixo temático 3: Alfabetização, diversidades e inclusão*

**Resumo:** Este texto apresenta o relato acerca da vivência de como é ser professora no Pantanal Sul-Mato-grossense em uma escola localizada em Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul a partir de práticas em sala de aula em uma escola localizada em Corumbá-MS, contexto de fronteira em que temos alguns desafios que ultrapassam os nossos conhecimentos e que necessitam do aprendizado de novas línguas e Linguagens. As reflexões mostram que não basta ser professor(a), é preciso buscar fazer a diferença na vida das crianças. A escola, as famílias, os professores, o corpo administrativo, a coordenação, e a direção foram essenciais no desenvolvimento do trabalho porque trabalharam juntos para o bem comum e quem ganhou com tudo isso foi a escola que foi abraçada e abraçou.

**Palavras-chaves:** listar até 5 palavras separadas por ponto e vírgula.

### Introdução

Neste texto apresento algumas reflexões sobre a minha vivência como professora de uma região que fica localizada no Pantanal Sul-Mato-grossense e na fronteira Brasil/Bolívia. Diante desse contexto que estou inserida parto da compreensão de que ser professor(a) no Pantanal é uma busca constante de formação, é um constante abraçar de culturas diferenciadas. É levar cultura para as crianças, cantar, contar histórias, produzir jogos, mostrando a elas a boniteza que existe neste lugar. É também dar voz a essa criança, cuidar da infância, buscando criar oportunidades, sempre atento às necessidades do nosso estudante. É experienciar todos os dias a oportunidade de fazer diferente, é sentir-se responsável pelo avanço de nossas crianças.

É também participar dos eventos, das formações em serviço, é mostrar o que está dando certo, mas é também protestar pelo o que não está sendo feito e pelo que pode ser feito.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pela UFMS/CPAN. Professora efetiva da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Corumbá - MS. Contato: [vairgina@yahoo.com.br](mailto:vairgina@yahoo.com.br)

É ser como as aves do pantanal, construir ninhos, é “**passarinhar**, observar passarinhos”, é voar fora da asa, nos dizeres de Manoel de Barros. É cuidar dos ovos, criar os filhotes, alimentá-los com palavras de ânimo, de carinho. É aconchegar entre os braços (entre as asas), é cantar é construir as canções juntos. É também chorar e reclamar pelas perdas, mas também continuar voando, procurando motivos para ir em busca do novo, de novas possibilidades. É construir pontes para vivenciar novos conhecimentos, mas também navegar nos rios das incertezas. É ter dúvidas, é buscar ajuda, parcerias, pedir socorro, ter sonhos, mas também é ser realizador de sonhos. É ser resiliente, acreditar no que faz com aquele sentimento que fez o melhor que pode. É também ter a consciência que estamos sujeitos a erros e acertos diariamente, problematizar para resolver problemas que surgem no dia a dia. É acordar cedo e dormir tarde, estar aberto ao diálogo a aprender sempre, aberto ao novo, à cultura. Permitir-se ao cansaço, ao lazer, mas nunca à desesperança. É pensar que a profissão de docente é parte de nós, sendo construída todos os dias.

E nessa perspectiva que a seguir apresento o que me moveu a realizar esse exercício reflexivo de minha prática docente como alfabetizadora, bem como compartilhar uma parte de minha prática profissional na qual pude perceber que o trabalho colaborativo e a coletividade são fundamentais na escola.

## **2 A escrita de si e narrativa (auto)biográfica como fundamentação teórica**

O referencial metodológico utilizado nesse trabalho se vincula a escrita de si e a narrativa (auto)biográfica. Considero que a experiência da “escrita de mim” possibilita reflexões e conexões entre os estudos teóricos e a minha trajetória de vida, em especial a minha carreira enquanto professora alfabetizadora. Esse processo narrativo realizado em um curso de especialização que eu participei, representou uma viagem a vários momentos importantes da minha vida, possibilitando a lembrança de vivências além de retratar as minhas subjetividades em relação a construção do meu “EU” profissional. Evidentemente esse processo não ocorreu com ausência de dificuldades, haja vista a necessidade de retratar todas as minhas fragilidades e lutas constantes. Ou seja, o exercício de olhar retrospectivamente para as minhas vivências apresentou resistências e desafios, levando-me a refletir que a história de vida de cada uma/um é marcada por experiências de sucesso e fracasso que constroem a identidade/subjetividade individual.

Neste sentido, as pesquisas autobiográficas são fortemente carregadas de aspectos subjetivos do indivíduo. Para Teixeira (2003), a subjetividade pode ser entendida como o espaço que marca e constitui a singularidade de cada ser humano, que apesar de semelhantes são subjetivamente diversos. Portanto, a escrita autobiográfica é “[...] uma

escrita que tem como objeto o si próprio, a análise, isto é, a autoanálise da história de uma vida, a vida do próprio sujeito narrada por ele próprio” (TEIXEIRA, 2003, p. 41, grifos da autora). De acordo com Sousa e Cabral (2015, p. 151), “[...] considera-se que a abordagem (auto)biográfica ou biográfico-narrativa imprime a organização da trajetória pessoal e profissional, a reflexão sobre as práticas, a construção de novos conhecimentos”. Desse modo, trago a seguir uma parte da minha vivência, trazendo algumas reflexões sobre a partir da minha narrativa.

## **2 A experiência relatada**

No cotidiano de sala de aula, nós enfrentamos alguns desafios que ultrapassam os nossos conhecimentos e que necessitam do aprendizado de novas línguas e Linguagens. No ano de 2019, eu recebi em minha turma um aluno com necessidades especiais. Ele já era aluno da escola, eu já tinha o visto algumas vezes na acolhida, na entrada dos estudantes na creche. Ele tinha como primeira língua a Libras, a linguagem dos sinais. A língua Brasileira de Sinais (Libras) foi sancionada com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002) que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão dos surdos.

Eu ainda não havia trabalhado com uma criança que tivesse essa necessidade. Perguntei a direção se eu teria professor de apoio, fui em busca de informações e conhecimentos das outras professoras que já haviam trabalhado junto a ele. Então tive o meu primeiro contato com ele, e logo após com a intérprete, conversamos sobre o estudante e decidimos de comum acordo que trabalharíamos a língua portuguesa e a língua dos sinais para toda a turma.

Logo após esse primeiro contato com a intérprete, eu falei com a coordenação da escola que nesse ano de 2019, pela necessidade ter um aluno surdo estaria trabalhando dentro do meu planejamento a Libras. Ela aceitou e então iniciamos os trabalhos conversando com as crianças sobre a necessidade deles aprenderem uma nova língua. Perguntamos se elas queriam aprender a Libras para se comunicar com o Pedro. Também conversamos com os pais e todos acharam importante esse novo conhecimento para seus filhos. Neste texto optamos por usar o pseudônimo Pedro a fim de preservar o anonimato da criança.

Iniciamos as nossas atividades dialogando com os demais professores das outras disciplinas que trabalhavam com a minha turma como Artes, Espanhol e Educação Física e também socializamos o projeto com os outros professores da escola, apresentamos como seria para desenvolvê-lo em nossa sala de aula, os professores logo compraram a ideia, e nos incentivaram na construção do projeto.

Então, começamos identificando (sinalizando) em toda a Creche; entrada da escola, banheiros, salas aos quais eles tinham acesso, bebedouros, biblioteca, cozinha. Construimos o alfabeto nas duas versões, os numerais também até 10. Como cantávamos todos os dias em sala de aula, ou na acolhida, escolhemos algumas músicas para serem sinalizadas e isso foi bem interessante porque as crianças das outras turmas viam e começaram a perguntar e querer também aprender Libras. Muitas vezes elas iam até a nossa sala para sinalizar juntamente conosco. Outras vezes Pedro ia com a professora intérprete em outras salas e sinalizavam com eles.

Desenvolvemos muitas atividades em sala de aula e também fora dela. Fizemos o dia da Pipa, onde todos os alunos da Pré-escola, 1º e 2º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do período matutino participaram conjuntamente. Realizamos um passeio no Parque que temos em nossa cidade chamado Marina Gattass para conhecer, vivenciar, brincar e também falar do respeito a natureza. Foi um passeio que as crianças gostaram muito. Durante o ano fizemos várias festas de aniversário, também tivemos uma festa de despedida para uma criança que foi morar em outro país, construimos brinquedos com materiais recicláveis, tocamos instrumentos musicais, construimos também alguns instrumentos musicais. Tivemos a presença de um mascote: um macaco em que as crianças levavam no final de semana para casa e na segunda contavam como tinha sido a experiência.

Neste ano também tivemos a presença de fantoches (trazidos por uma professora mestranda que fazia na época um trabalho de observação na escola) que interagem com e nas histórias. Ouvimos muitas histórias, brincamos no parquinho da escol e ouvimos música. O próprio Pedro gostava muito de brincar, tocar e soprar os instrumentos de sopro, lemos muitas histórias, escrevemos, copiamos do quadro, sinalizamos diversas músicas, trabalhamos com jogos, quebra cabeças, monta-monta, tínhamos o cantinho da beleza com espelho grande, escovas de pentear o cabelo, bobs, brilho labial, chapeis, enfeites para o cabelo..., pintamos, criamos nossos próprios quadros, cantamos com microfone e sem, dançamos, fizemos piquenique, plantamos flores, aguamos as plantas, cuidamos do jardim da creche e também assistimos vídeos na sala de tecnologia.

É importante ressaltar que esse trabalho não foi fácil, no início do nosso projeto produzíamos as atividades escritas diferenciadas no papel, mas a atividade de Pedro era toda em Libras, percebemos que ele olhava a atividade dos colegas e não queria fazer o dele, então resolvemos fazer igual para todos, percebemos que aí ele mudou de atitude, queria até disputar com os colegas para ver quem terminava primeiro, quando pedíamos para a turma sinalizar alguma letra ele com a ajuda da professora interprete queria sempre ser o primeiro.

Essa vivência me mostrou o quão necessário é a teoria na prática docente, pois não sentia que a minha formação inicial não me ofereceu uma base teórica suficiente diante da

realidade complexa que eu estava vivenciando na sala de aula. Atualmente compreendo melhor a necessidade da teoria para a prática educativa. Neste sentido, concordo com Pimenta (2006), quando destaca que:

O saber docente não é formado apenas da prática, sendo nutrido também pelas histórias da educação. Dessa forma, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais de si próprios como profissionais (PIMENTA, 2010, p. 24-25).

O professor precisa ter conhecimento de teorias e conceitos nos quais fundamentará suas práticas pedagógicas, adotando métodos que possibilitarão o alcance dos objetivos propostos. Portanto, Candau (1982, p. 32) entende que:

[...] essa separação entre teoria e prática, entre o que fazer e o como fazer conduz distorções, creio eu, mais complexa na prática educacional, quando caminhamos para as especializações do setor educacional, onde estão presentes profissionais que planejam e, contudo, não executam nem avaliam; profissionais que executam sem ter planejado e que não vão avaliar; profissionais que vão avaliar sem ter planejado ou executado.

Algumas vezes percebemos que Pedro não estava bem, então a professora de apoio tinha que sair para dar uma volta com ele, pois o mesmo não estando em um dia bom, naquele dia tínhamos que entender que estudante tinha suas dificuldades. Mas no outro dia chegava um Pedro mais animado, então a aula rendia, mas todo esse nosso aprendizado só foi possível porque houve uma integração uma concordância entre a professora regente e a professora intérprete.

A professora intérprete teve a disposição de ensinar Libras a todos da sala e também para as turmas que as professoras pediam. No final do ano todos podiam, de alguma forma se comunicar com os alunos surdos da escola, evidenciando que não foi apenas a inclusão do Pedro com a turma, mas a classe, a escola que conseguiu de certo modo se integrar ao Pedro. O projeto foi idealizado pensando no aluno, mas tivemos mais do que isto, tivemos o envolvimento da escola, Pedro conseguiu se sentir acolhido, assim como a família dele.

Atualmente Pedro continua na escola e parte da turma o acompanha, tem amigos, brinca, reclama, briga, e consegue se comunicar através de sua língua materna com a comunidade escolar, é um menino como tantos outros, a escola fez a diferença na vida dele. Às vezes ele ainda vai em minha sala, entra meio desconfiado, sinaliza um oi e vai embora. Ele conseguiu construir sua autonomia. Ele marcou meu fazer Pedagógico, pois entendemos que o processo de alfabetização precisa fazer sentido para essa criança. Pensar na alfabetização sempre é um desafio, porque nos estimula a pensar em nossa prática e na questão de como o aluno aprende.

### 3 Considerações Finais

A partir do exercício reflexivo de minha vivência na docência feito neste texto percebo que para ser professor(a) no pantanal não existe receita pronta, mas aqui nas nossas escolas é o “lugar onde mais dar certo, porque o pouco vira muito!! As nossas vivências no Pantanal são caminhos cheios de encontros e desencontros, encantamentos e também decepções e descobertas, envolve comprometimento e lutas diárias por uma educação de qualidade, é ter a preocupação com o nosso Pantanal, com a nossa cultura, com a nossa comunidade, com nossos recursos naturais, por isso desenvolvemos projetos que visam o cuidado e a emancipação de nossas crianças para a vida em sua plenitude.

Pensar no fazer pedagógico no pantanal é pensar nas experiências que nossos alunos iram vivenciar e isso depende muito de nossas experiências e práticas pedagógicas. Quando penso nele e em outro estudante que tive no ano seguinte já na Pandemia, surdo também, penso no meu lugar de fala, não basta ser professor tem que fazer a diferença, já essa segunda experiência com esse meu segundo estudante fica para outro encontro! A escola, as famílias, os professores, o corpo administrativo, a coordenação, e a direção foram essenciais no desenvolvimento desse projeto porque trabalharam juntos para o bem comum e quem ganhou com tudo isso foi a escola que foi abraçada e abraçou.

### Referências

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, de 25 de abril de 2002, p. 23. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em 20 maio 2023.

CANDAU, Vera Maria (Org.) **A Didática em questão**. 25.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. *In*: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs). **Professor Reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 17-52.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira Cabral. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP**, v. 14, n. 1, p. 37 – 64, 2003.